



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Uma professora de inglês no terreno

Andrea de Almeida Lopes

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Uma professora de inglês no terreno

Andrea de Almeida Lopes

Em um mundo cada vez mais conectado, no qual não há mais distância espacial e as informações são veiculadas instantaneamente, o indivíduo tem que estar preparado para se comunicar a qualquer momento e em qualquer lugar com a certeza que suas palavras poderão reverberar pelo mundo. Por conseguinte, as instituições de ensino devem estar cientes dessa característica contemporânea a fim de preparar seus alunos para essa sociedade. Para professores de idiomas, por exemplo, não basta ficarem em sala de aula e repetindo regras gramaticais estanques e que não fazem sentido para o aluno. Nesse sentido, gostaria de compartilhar uma experiência que vivenciei na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) onde ministrava aulas de inglês para os cadetes de todos os anos, de dezembro de 2001 a janeiro de 2011.

Nesse período, os militares que compunham a Seção de Idiomas engajavam-se em atividades além da sala de aula para que os cadetes pudessem vivenciar o uso do idioma no contexto militar, simulando situações as quais eles poderiam vivenciar. Em uma dessas atividades, planejei uma atividade para o uso de inglês em um exercício no terreno no qual todos os cadetes estavam divididos entre países que supostamente estavam em guerra. Dessa forma, criei uma emissora americana imaginária, confeccionei um crachá com uma logo da emissora e o meu nome, providenciei um microfone de mão e trajei-me de repórter civil (calça jeans, blusa e sapato). Solicitei, ainda, apoio para os militares de meios audiovisuais para que escolhesse um militar que pudesse atuar como cameraman civil que levasse uma filmadora para que fossem realmente gravadas todas as entrevistas. Além disso, providenciei uma viatura e motorista para que pudesse me deslocar até o exercício no terreno. Chegado o dia, subimos na viatura e partimos para o exercício no terreno a fim de iniciar nossa atividade de inglês.

Lembro-me até hoje que era um dia que choveu muito durante a noite toda anterior e quando chegamos ao local o chão estava com muito barro e tivemos que andar com muito cuidado para não cairmos porque estava realmente escorregadio. Olhei em direção das barracas dispostas em linha e percebi que vários cadetes estavam a me olhar com um ponto de interrogação nos olhos, pareciam que estavam me perguntando: “tenente, o que a Sra está fazendo aqui, ainda mais com roupa civil!”. Quando comecei a ir à direção deles com um microfone na mão e seguida por alguém que estava conduzindo uma câmera, os cadetes começaram a entrarem em rota de fuga como estivessem pensando: “eu não sei o que está acontecendo, mas não pode ser coisa boa”. A minha vontade naquela hora era de rir muito daquela situação esdruxula na qual eu estava quase em uma perseguição aos cadetes para que pudesse iniciar as minhas entrevistas.

Com muita persistência (e emboscando alguns), conseguia aos poucos fazer as entrevistas para tentar alcançar o meu objetivo: conseguir um furo de reportagem. Eu queria extrair de algum (ou alguns) deles a informação sobre a missão deles: invadir o país inimigo. Nessa empreitada, consegui realizar várias entrevistas e na maioria delas não consegui maiores informações; no entanto, um ou dois cadetes revelaram que iriam construir uma ponte durante a madrugada com o objetivo de invadir o país inimigo logo pela manhã. As gravações das entrevistas foram disponibilizadas posteriormente para os instrutores que orientassem os cadetes sobre as informações que podiam ou não podiam ser veiculadas.

Teorizando

Segundo Loiola (2013), o termo competência no ensino de idiomas foi primeiramente empregado por Noan Chomsky (1965), definindo-o como sendo inerente ao homem e “constituído pelo conjunto das regras (conhecimentos gramaticais) que permitem que os indivíduos gerem uma infinidade de produções de linguagem (desempenho)”. Apesar de tal registro remeter à década de 70, o autor afirma que o termo competência só apareceu no Brasil em 1996 com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases Nr 9.394, determinando que a União estabelecesse as competências e diretrizes para o ensino. Já no âmbito do Exército Brasileiro, o termo foi introduzido pela Portaria Nr 107-DECEX, de 27 de setembro de 2011, que instaurou os procedimentos para a implantação da abordagem da Educação por Competência, dando origem ao Projeto de Implantação do Ensino por Competências (2012), culminando na primeira edição das Instruções

Reguladoras do Ensino por Competências (IREC), instituída em 2013, por meio da Portaria Nr 80 – DECEX, de 07 de agosto de 2013. Atualmente, o Exército Brasileiro encontra-se na quarta edição das IREC, aprimorando-se cada dia mais na construção do processo ensino-aprendizagem nos Estabelecimentos de Ensino militar.

Apesar de a experiência relatada ter acontecido antes da instauração do Ensino por Competências no Exército, a atividade com os cadetes remete-nos à conceituação de competência, definida como a mobilização adequada de conhecimentos prévios em contextos específicos. Dessa forma, a maioria dos cadetes utilizou os seus conhecimentos sobre a língua inglesa a fim de responder a entrevista sem comprometer a missão. O uso de idiomas foi empregado em uma situação em que os cadetes poderão vivenciar em um futuro, caso sejam designados para uma missão de paz, por exemplo, saber falar e saber o que falar.

Concluindo

A introdução do Ensino por Competências foi um ganho imensurável para o Exército Brasileiro, tendo em vista que o ensino evoluiu da mera transmissão do saber descontextualizado a fim de alcançar determinados objetivos, avançando para o uso dos saberes em contextos em que os militares poderão enfrentar no futuro.

Apesar de ter sido oficialmente introduzido em 2011, podemos afirmar que, pela prática acima descrita, o Exército já buscava contextualizar suas aulas para que os militares resolvessem situações com os conhecimentos já adquiridos. Tal busca pelo aprimoramento no ensino sempre e será objetivo de Exército, a fim de que os militares estejam prontos e em consonância com as demandas contemporâneas.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Diretriz do Comandante do Exército (2013-2016)**, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394**, 1996.

BRASIL. **Portaria nº 107-DECEX, de 27 de setembro de 2011**. Estabelece os procedimentos de implantação da abordagem da Educação por Competências, 2011.

BRASIL. **Portaria nº 80-DECEX, de 07 de agosto de 2013.** Aprova as Instruções Reguladoras do Ensino por Competências, Currículo e Avaliação (IREC – EB60-IR-05.008), 2013.

BRASIL. **Portaria nº 316-EME, de 27 de janeiro de 2021.** Aprova a Diretriz para o Sistema de Ensino de Idiomas e Certificação de Proficiência Linguística do Exército – SEICPLEX, 3ª edição, 2021.

BRASIL. **Portaria nº 236-DECEX, de 1º de novembro de 2017.** Altera as Normas para o Subsistema de Certificação de Proficiência Linguística, 2017.

LOIOLA, Léa de Melo. **Breve histórico do termo competência.** Disponível em: www.helb.org.br Último acesso em: 18 de agosto de 2023.